

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

Ive Carina Rodrigues Lima Brasil*

Afonso Celso Tanus Galvão**

Resumo

Esta pesquisa qualitativa e exploratória teve por objetivo investigar os motivos subjacentes à escolha profissional de professores que atuam na Educação Infantil. Foram entrevistados 17 professores (7 de escolas públicas e 10 de escolas particulares) a partir de um roteiro semiestruturado que tinha por base a pergunta: que motivos orientaram a sua escolha profissional? Resultados sugerem que os motivos que nortearam a escolha dos professores pelo trabalho na Educação Infantil foram associados ao fato de gostar de criança, a influência familiar, oportunidade, idealismo, encantamento e talento entre outras coisas. Parte dos professores entrevistados passou a atuar na Educação Infantil por escolha consciente, enquanto outros foram levados meramente pelas circunstâncias. As consequências desse discurso para fortalecimento de noções estereotipadas da profissão (maternagem, profissão feminina) são abordadas na discussão.

Palavras-chave: Educação Infantil, escolha profissional, formação do professor.

Professional choice early education teachers' views

Abstract

This qualitative and exploratory research aimed at investigating the underlying reasons for the professional choice of teachers who work with early education. 17 teachers (7 from public schools and 10 from private schools) were interviewed in depth in a semi-structured manner. Questions concerned the reasons that guided participants' professional choice. According to the results, the main reasons for choosing to work with children were associated with love for children, family influence, opportunity, idealism, enchantment and special talent to work with children. Some of the interviewees had working with children as a professional option consciously made, whether others were merely taken by the circumstances. Stereotyped views of the profession (feminine profession) are also addressed.

Keywords: Early Education, professional choice, teacher's education.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília, Distrito Federal, Brasil.

** Professor Doutor e Diretor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB). Brasília, Distrito Federal, Brasil.

As razões que levam professores a escolherem a profissão em que atuam tendem a ser variadas e podem envolver desde a questão da vocação até a necessidade de trabalho para garantir o próprio sustento (THURLER; PERRENOUD, 2006). Além dos fatores de ordem material há também os que são de ordem estritamente profissional (GONÇALVES, 2000). A literatura sobre o assunto não é consensual. Algumas pesquisas (JOSEPH; GREEN, 1986) sugerem que professores são atraídos para a profissão devido a recompensas intrínsecas, já que tendem a ver a profissão como uma missão. Segundo a pesquisa de Yong (1995), a maioria das pessoas opta pela carreira docente por razões altruístas e/ou intrínsecas e poucas escolhem por razões extrínsecas.

A noção de escolha – procedimento pelo qual determinada possibilidade é assumida, adotada, decidida ou realizada de um modo qualquer, preferentemente a outras (ABBAGNANO, 1998) – supõe a seleção de uma resposta particular entre várias possibilidades (DORON; PAROT, 2001). A palavra “escolha” nomeia uma rede complexa de fatos, valores e sujeitos que se entrelaçam e se constituem na história de vida de cada ser.

Em geral, as teorias que tratam da escolha profissional podem ser agrupadas em duas grandes abordagens: teorias não psicológicas e teorias psicológicas. A primeira representa as concepções econômico-sociais que situam a escolha como um “acidente” – as pessoas chegam às profissões de modo meramente casual, sem uma intervenção pessoal e ao sabor das contingências (BOCK, 1995). A segunda abordagem se interessa mais pela atuação concreta das pessoas. As teorias ditas psicológicas fundamentam a prática da orientação vocacional tradicional.

Segundo Soares (1991), a escolha profissional constitui um processo contínuo que vai desde a infância até a idade adulta. A oportunidade de ter vivido situações de poder escolher dentre as possibilidades existentes na infância favorece ao indivíduo a capacidade de realizar uma escolha profissional importante. No entanto, se for negado ao indivíduo a oportunidade de experimentar um número suficiente de escolhas, a escolha da profissão, certamente, se transformará em um problema. Na infância nem sempre é dada à criança a possibilidade de escolher, enfatiza a autora.

Para Nascimento (1995), a profissão escolhida pelo indivíduo reflete o que ele viveu em suas relações mais primitivas, nos primeiros meses de vida, isto é, na sua atividade profissional, um indivíduo tende a repetir o seu modelo mais fundamental, semelhante ao modelo vivido anteriormente. Durante muito tempo, a Psicologia enfatizou aspectos intrapsíquicos como os motivos principais da escolha que o indivíduo faz por uma profissão. Na análise de Castro (2003), a escolha da profissão não pode ser compreendida sem que se considere o contexto social. As pessoas escolhem uma profissão dentre as possibilidades do momento e do espaço em que se encontram, influenciados pelas pressões circunstanciais, o que significa dizer que as circunstâncias sociais limitam a possibilidade de esco-

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

lha de uma profissão fazendo emergir situações nas quais a relação entre o indivíduo e a profissão se configura como sendo não-escolha.

Em suas investigações, Bohoslavsky (1977) destaca outros determinantes da escolha. Para ele, a família, a estrutura educacional e os meios de comunicação de massa cristalizam uma ideologia do sistema social pela representação das profissões, das suas relações, dos requisitos pessoais para ter acesso a elas, seu sentido social e o próprio valor do trabalho e organização, o sistema de compensações materiais e morais alcançáveis e outros fatores. Pensando assim, conclui que não é o indivíduo que escolhe, pelo contrário, ele é escolhido.

Soares (2002) aponta que fatores políticos, econômicos, sociais, educacionais, familiares e psicológicos influenciam na escolha de uma profissão. A autora enfatiza a importância de considerar essa diversidade de fatores, já que toda escolha acontece inserida num sistema capitalista que reproduz e padroniza as escolhas dos indivíduos. O que significa dizer que a escolha não é dada como opção. As pessoas não são educadas para escolher, elas são escolhidas pelo sistema e acreditam que escolhem.

O problema da escolha é muito complexo e, por isso, como argumentam Joseph e Green (1986), exige uma reflexão mais aprofundada no contexto de diferentes países e culturas. A escolha pela docência também é marcada por esta complexidade, ainda mais por ser esta uma profissão que vem passando por um processo de ampliação (VEIGA; D'ÁVILA, 2008). Exigem-se, atualmente, novas medidas e exigências com relação aos professores (TARDIF; LESSARD, 2008). Na sociedade do conhecimento, o ensino passa a adquirir *status* de trabalho especializado e complexo, uma atividade que demanda conhecimentos e competências em vários campos. Como assinala Gadotti (2003, p. 4), “escolher a profissão de professor não é escolher uma profissão qualquer”.

Sabe-se que a opção por trabalhar como professor da Educação Infantil é influenciada, num dado momento, pelas condições históricas, sociais e materiais (SANTOS, 2005). Nesse sentido, este estudo objetivou conhecer os motivos que orientaram a escolha profissional de professores que atuam na Educação Infantil. Assim, neste texto serão explorados alguns dos fatores de ordem social, pessoal e econômica que motivaram as escolhas desses professores.

Método

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados 17 professores da Educação Infantil (10 de escolas particulares e 7 de escolas públicas), a partir de um roteiro organizado em torno da seguinte pergunta: “que motivos orientaram a sua escolha profissional?”

Oito dos professores de escolas particulares eram do sexo feminino e dois do sexo masculino, com idade entre 23 e 44 anos. No tocante ao grau de escolaridade, sete possuíam o curso de graduação, sendo que cinco eram formados em pedagogia e os outros dois em educação física e arquivologia. Havia ainda três docentes que estavam cursando pedagogia. O tempo de atuação na Educação Infantil dos participantes variava de três a vinte anos. No que se refere aos professores de escolas públicas, todos os sete eram do sexo feminino, com idade entre 23 e 49 anos. Seis eram graduados em pedagogia e um em direito. Quanto ao tempo de exercício na área de Educação Infantil, o grupo tinha média de 4,4 anos de experiência, sendo que os dois professores menos experientes atuavam havia 2 anos e os dois mais experientes tinham 9 e 12 anos respectivamente de prática profissional.

Para a análise dos dados, utilizou-se a Análise de Discurso (GILL, 2002). Os dados foram alocados a grandes categorias preexistentes nos objetivos específicos, para então serem codificados a partir do discurso dos participantes. Estes foram então agrupados por similaridade, diferença, contradição, complementaridade ou contingência, resultando numa teoria sobre formação de professores da Educação Infantil fundamentada nos dados da pesquisa (SARANTAKOS, 2005).

Resultados

Os motivos que nortearam a escolha dos professores pelo trabalho na Educação Infantil foram associados a aspectos como gostar de crianças, influência familiar, oportunidade, idealismo (responsabilidade social), encantamento e talento entre outras coisas. Parte dos professores entrevistados passou a atuar na Educação Infantil por escolha consciente, enquanto outros foram levados meramente pelas circunstâncias, o que não se trata realmente de uma escolha. Segue o detalhamento de cada um desses construtos.

Escolhas

Muitos foram os caminhos que levaram esses profissionais à carreira do magistério e, mais especificamente, à Educação Infantil. Dos professores entrevistados, dez relataram que o trabalho neste segmento se deu por opção, enquanto, para sete, o envolvimento com a Educação Infantil foi simples obra do acaso. É importante assinalar que o fato desses professores estarem atuando na Educação Infantil não se deve exclusivamente a uma questão de opção, mas, sobretudo, à diversidade de situações que influenciaram diretamente ou não a entrada neste nível educacional.

... como não tinha vaga de 1ª a 4ª me colocaram lá. Então, fui meio assim que jogada na Educação Infantil [...] me colocaram lá, porque tinha a carência só em Educação Infantil. (Ana, EPU)

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

Olha, quando eu vim trabalhar na Educação Infantil foi meio de supetão. Eu era professora substituta e substituí na quarta série e quando surgiu a vaga aqui na escola era pra primeiro período na época chamado pra crianças de quatro anos por isso eu fui... (Amanda, EPA)

Faz-se necessário chamar a atenção para os fatores que contribuíram para esta “opção não intencional”. A oportunidade de poder trabalhar próximo de casa, por exemplo, a possibilidade de ter a estabilidade que um emprego público oferece (no caso dos participantes de escolas públicas), a possibilidade de conseguir um emprego mesmo sem experiência aparece nas falas como alguns dos motivos que orientaram e justificaram esta escolha:

Porque eu vim fazer um estágio aí eles me deram a oportunidade de trabalhar. [...] eu precisava fazer um estágio aí aqui me deu chance e eu fiquei. Era uma oportunidade de experiência porque nas outras escolas só contrata com experiência aí, aqui como me deu experiência e oportunidade fiquei até hoje. (Rosa, EPA)

Na verdade assim, primeiro eu vim para esta escola porque era a que tinha vaga aqui no Plano, mais perto da minha casa que é aqui no Lago Sul, na verdade eu vim para essa escola por isso, não foi nem analisando se era primeiro, segundo. [...] eu fui de peito aberto, porque eu queria mudar mais para perto da minha casa, eu falei: eu vou porque é perto da minha casa... (Laura, EPA)

Influência familiar

Alguns relatos evidenciam que a decisão de trabalhar na Educação Infantil aconteceu por influência de outras pessoas. Parte dos professores entrevistados revelou que a família exerceu importância significativa na escolha profissional e, mais especificamente, a mãe. Ao analisar as histórias desses professores, pode-se verificar que a trajetória seguida pela mãe ou outra pessoa da família “de certo modo” destinou o caminho profissional que deveria ser percorrido por eles.

Eu fiz magistério em 87 porque minha família é assim, família nordestina todo mundo é professora. Minha mãe queria que eu fosse ser professora, como toda, mãe aí não teve jeito... (Lúcia, EPU)

Família, né! Na minha família todas são professoras e acabou que eu fui junto. [...] mas como a minha família já foi toda pra esse lado de pedagoga, então aí eu não tive como fugir, né... (Luíza, EPA)

... aí eu acabei escolhendo o magistério né? E assim as minhas irmãs a maioria toda também são professoras e isso me influenciou um pouco... (Ana, EPA)

Idealismo/amor

Outros depoimentos expressam o amor e o idealismo como justificativa para atuar na Educação Infantil. O sentimento de amor mencionado pelos docentes parece ser uma espécie de condição para se atuar na Educação Infantil. Segundo eles, o amor justifica todas as lacunas que existem na profissão como o pouco prestígio, o baixo salário, a pouca profissionalização e as reais condições de trabalho. É possível que o ideário da educação por amor seja utilizado pelos entrevistados apenas para justificar a escolha e a permanência na Educação Infantil. Da fala da professora Carla, por exemplo, pode-se inferir sobre um trabalho que parece não ser importante em outras dimensões além do amor. O professor de educação está ali porque ama (O que faz? As crianças? O quê?). Não pode ser por dinheiro, já que o trabalho neste segmento não é bem remunerado, como indica a segunda fala.

... o professor assim de séries iniciais e de Educação Infantil ele só vai por amor mesmo. (Carla, EPU)

... eu sei que nessa área também não ganha muito entendeu? Se não for por amor não adianta ficar na Educação Infantil... (Rosa, EPA)

Outras falas, no entanto, afortunadamente destacaram outros aspectos importantes. Para alguns docentes, o que move a escolha e a própria atividade profissional é a crença de que a educação pode ser a solução para todas as coisas, especialmente neste início da vida escolar, no qual a criança está se constituindo em todos os sentidos. Há um pensamento de que a criança é a esperança de mudança. O trecho a seguir exemplifica uma crença na possibilidade de se melhorar o mundo pela educação. Um trabalho bem realizado já na Educação Infantil pode ser decisivo na formação de um sujeito autônomo e feliz e bem ajustado ao mundo.

... minha opção pela Educação Infantil bate também com um certo ideal que eu tenho de querer trazer algumas coisas de melhora pro mundo. Eu acho que a melhor coisa que a gente pode fazer pra ajudar nisso é trabalhar com Educação Infantil porque eu acho que a Educação Infantil que tá formando as bases, as estruturas básicas pra formação do sujeito pensante, crítico, autônomo que vai ajudar a gente a melhorar. (Eduardo, EPA)

Talento/dom

A noção de “talento” é mencionada com frequência nos discursos dos participantes. Para alguns docentes, ser professor deste segmento implica ter o que eles chamam de “dom”. Neste sentido, pode-se perceber que eles conside-

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

ram a habilidade de trabalhar com crianças como algo extraordinário, isto é, algo que alguém nasce sabendo. Essa compreensão de que é preciso ter talento para ser professor de Educação Infantil parece encobrir a necessidade de profissionalização da categoria.

Se você não gostar, se você não tiver dom pra lidar com criança, pra ser professora, se você não tiver paciência você não consegue. [...] você tem que ter esse dom de ser professora, porque isso aí acho que é um dom né? Como eu já vi pais falando tia você tá de parabéns porque eu não tenho esse dom. Eu não tenho esse talento pra lidar com criança... (Luíza, EPA)

Ao utilizar o termo “dom”, os professores parecem querer colocar as atividades que eles desempenham como relacionadas a uma destinação: algo escrito para eles desde o nascimento, numa espécie de justificativa mística. Além disso, há uma ideia subjacente de que apenas as pessoas providas desse dom poderão exercer esta profissão. Segundo um entrevistado, embora seja importante a formação, a pessoa nasce professor. Essa concepção remete ao conceito de magistério como vocação, sacerdócio, destino. Nessa perspectiva, o ser professor implica ser destinado e não, necessariamente, ter domínio de conhecimentos diversos, algo mais vinculado à ideia de profissionalização.

... eu não acho que todas as pessoas formadas em magistério ou coisas afins são professores. Eu acho que pra ser professor, eu acho, eu tenho a impressão que você nasce assim sabe? Eu acho que não tem formação que faça você ser. Algumas pessoas descobrem isso e realmente a formação ajuda, mas eu acho que formar um professor é só uma parte. Professor ele já nasce né? Porque o professor de Educação Infantil tem que ter essa singularidade... (Carolina, EPA)

Gostar de criança

Entre os aspectos salientados para opção do trabalho na Educação Infantil destaca-se a paixão por crianças. Inclusive esse motivo levou parte dos professores a irem atuar nesta área mesmo sem ter o conhecimento das atividades ali realizadas. De igual modo, o gostar de criança foi a razão que moveu um dos professores a mudar a sua atividade profissional. Para isso, a escolha do curso de Pedagogia foi feita como estratégia para trabalhar não só com educação, mas principalmente para trabalhar diretamente com criança, o que de acordo com o entrevistado se justifica em nome da sua realização profissional.

Eu sempre gostei muito de criança, mas eu não tinha a menor ideia sinceramente eu não tinha a menor ideia, eu fui sem saber o que era o trabalho na Educação Infantil. (Laura, EPU)

... eu sempre gostei de criança né? Eu tenho que procurar uma coisa que me satisfaça né? Então, eu procurei mais a Educação Infantil por isso por gostar de criança e para trabalhar feliz. (Luíza, EPA)

Encantamento pela descoberta da criança

Outro ponto que emergiu das entrevistas como tendo influenciado a decisão de atuar na Educação Infantil se refere ao encantamento pelas descobertas das crianças. Para alguns dos professores, a rapidez com que a criança se desenvolve nesta fase, a vontade e o interesse que elas têm em conhecer as coisas é o que diferencia o trabalho realizado neste nível educativo. Além disso, os docentes consideram que a criança aprende com prazer, o que torna ainda mais gratificante o trabalho. Os discursos também indicam que o profissional se sente mais atuante trabalhando com crianças desta faixa etária.

O que eu gosto mais é ver o desenvolvimento das crianças, só você ver o jeito que elas chegam e não precisa nem ver como elas saem no meio do ano já são outras crianças totalmente diferentes. É isso que me motiva. (Regina, EPU)

Eu vejo o engrandecimento das crianças a cada dia. Eu encanto quando eu vejo que a criança já consegue ler, a criança já consegue interpretar alguma coisinha sabe mesmo fazendo a pseudoleitura ele já consegue interpretar alguma coisinha, isso é que me fascina, amo. Por isso escolhi a Educação Infantil (Eduardo, EPA)

O início do trabalho na Educação Infantil dos professores entrevistados se deu por razões diferenciadas. No entanto, independentemente dos motivos que orientaram a opção pelo trabalho neste segmento e, apesar de todas as dificuldades mencionadas, estes professores optaram por prosseguir. É importante compreender não apenas os motivos pelos quais eles ingressaram, mas, sobretudo, as razões para sua permanência nessa atividade. Compreender a dialética subjacente a tudo isso é importante, entre outras coisas, para propiciar uma formação que leve em conta, entre outros aspectos, motivos e motivação.

Discussão/conclusões

Os resultados desse estudo apontam que a escolha para o trabalho na Educação Infantil se deu, ora por uma escolha consciente, ora por uma escolha dentro de uma “não escolha”, isto é, uma escolha num cenário no qual as opções não eram muitas, para não dizer inexistentes. Disso se pode inferir que o magistério e, de forma mais específica, a Educação Infantil, não aconteceu como uma primeira opção para parte dos entrevistados, mas, em certas situações, como uma solução mais rápida e fácil para a vida de alguns participantes ou, ainda, devido a uma limitação de competências profissionais (VALLE,

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

2006). Há, inclusive, o relato de um entrevistado que afirma ter ido atuar na Educação Infantil pela oportunidade de estar próximo de casa, sem ao menos ter conhecimento do que era o trabalho neste segmento, o que explicita a ideia de que a sua escolha se deu para atender à sua comodidade. Isso se enquadra no que Levenfus (1997) caracterizou como uma escolha sem conhecimento da profissão e de si mesmo. Uma escolha alienada (HABERMAS, 2002).

A escolha profissional não pode ser compreendida sem se considerar o contexto social, já que é o resultado da ação do sujeito levando em conta as possibilidades, as dificuldades, os limites, as necessidades, as expectativas e outros determinantes que interagem no contexto de vida. Esta noção de escolha se contrapõe ao conceito de sujeito unificado, coerente e constituído. Fundamenta-se na ideia de que o sujeito se constitui pelos processos sociais e culturais (CASTRO, 2003).

As falas de alguns dos participantes evidenciam, ainda, que a escolha pelo magistério e pelo trabalho na Educação Infantil foi influenciada por outra pessoa, na maioria dos casos, pela mãe. A família, segundo Santos (2005), tem um papel decisivo quando se trata de escolha profissional, pois ela tanto pode ajudar quanto dificultar no momento da escolha. A opção por este segmento também foi justificada pelos professores entrevistados gostarem de crianças e por compartilharem o ideário de que a educação, nesta fase da vida, pode garantir um futuro mais promissor, tanto para a criança quanto para a sociedade como um todo. Nesse ponto, é possível perceber que há um discurso fortemente orientado à questão da responsabilidade social. Os benefícios de uma Educação Infantil de qualidade são reconhecidos por pesquisadores em todo o mundo, já que, conforme assinalam Dahlberg e Moss (2005), este tipo de atendimento situa-se, atualmente, como uma condição necessária tanto para competir economicamente, em um capitalismo cada vez mais globalizado, quanto para amenizar os transtornos sociais decorrentes deste.

Em uma pesquisa que buscou investigar como o professor compreende sua escolha profissional e o magistério como profissão, Souza Neto e colaboradores. (2007), evidenciaram argumentos semelhantes aos mencionados neste estudo. Os autores constataram que o que mais motivou a escolha por esta profissão está relacionado a afetividades, socialização primária, questões de gênero (o fato de serem mulheres) e desejo de transformação social (vontade de modificar a sociedade). Segundo os pesquisadores, nos relatos dos participantes está evidente que as professoras gostam de crianças. Os entrevistados apontaram, também, a influência familiar como outro motivo que impulsionou a escolha.

Na cultura brasileira, o magistério tornou-se uma profissão feminina por excelência e foi, inclusive, através do magistério que a mulher pode abrir caminho ao exercício profissional (RABELO; MARTINS, 2006). Em se tratando da Educação Infantil, isso tem um significado ainda maior, por ser uma área que

se constitui como campo de atuação de mulheres, uma vez que, para exercer esta função, era suficiente apenas ter qualidades maternais (MONTENEGRO, 2005). Segundo Moss (2006), nas sociedades de todo o mundo este segmento é compreendido, histórica e culturalmente, como sendo um trabalho para mulheres. Para Rabello (2007), a ênfase nos “dons maternais” das mulheres e não da sua capacidade de aprendizagem, é o que leva a confundir o exercício da profissão e descaracteriza o trabalho na Educação Infantil. Essa premissa enfraquece o segmento como um todo porque encobre a sua complexidade e a necessidade de uma formação adequada aos desafios dessa complexidade.

As relações de gênero, numa sociedade de orientação masculina, como a brasileira, influenciam a noção de “profissão feminina”, associando competência de ensino do professor ao comportamento maternal. Estes aspectos devem ser considerados na compreensão da natureza desta profissão (CERISARA, 1996), tanto quanto as expectativas que a população em geral tem da profissão. Esta visão parece se constituir, ao menos parcialmente, a partir do mito da mulher como uma educadora nata por ser passiva, paciente, amorosa, cuidadosa: alguém guiado pelas boas emoções (ARCE, 2001). A ênfase somente nestas dimensões tende a ser detrimental ao desenvolvimento da profissão, pois deixa de lado os seus aspectos mais técnicos e dificulta o desenvolvimento da *expertise* na área.

Os discursos também enfatizam a ideia de que alguém, para ser professor de crianças pequenas, precisa possuir certas qualidades que não são treináveis, que alguém nasce sabendo. Há uma crença de que é preciso ter “dom”, “talento”, “vocação”. O construto “talento” tem problemas de definição, estruturação e aplicação que acabam por tornar, em um exercício de imaginação, as diversas tentativas de caracterizá-lo, defini-lo e trazê-lo para domínios que envolvam uma correspondência mais direta na relação significado/significante: a que cadeias sógnicas o termo nos remete? Tal questão continua tão confusa quanto era em tempos pré-científicos.

A literatura sobre talento tende a conceituar o termo de uma forma absoluta e isto produz duas consequências que merecem uma análise mais detalhada. A noção de talento fica fora de qualquer relacionamento com noções culturalmente definidas e dimensionadas, e fica restrita a algo do tipo “tudo ou nada”, que acaba por excluir a possibilidade de se entender talento como uma gradação de facilidade que alguém pode ter em uma atividade, a partir de um referencial fixo preestabelecido (GALVÃO, 2006; HOWE, DAVIDSON, SLOBODA, 1998).

A noção de vocação, algumas vezes mencionada pelos participantes, associada à ideia de talento, parece ter se tornado algo natural, banal e inquestionável. Para os entrevistados “a pessoa nasce professor”, o que supõe a ideia de uma escolha já definida por uma espécie de “eleição divina”, uma destinação mesmo antes do nascimento (ALMEIDA, FENSTERSEIFER, 2007).

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

Segundo Soares (2002), a vocação não existe. Ninguém nasce para uma profissão ou para um determinado estilo de vida. São as escolhas que o sujeito faz diante das possibilidades, do sistema social e econômico que participa que orientam a sua vida, assim como as escolhas que não faz, quando é escolhido. Além do que, como todo e qualquer conceito, “vocação” é uma construção histórica e cultural das sociedades.

Esta ideia de ter o “dom”, um jeito “especial” ou “natural” para lidar com crianças justifica a escolha de alguns participantes pela Educação Infantil. Isso faz pensar que, talvez, parte dos professores entrevistados tem essa concepção por associarem esta profissão aos papéis normalmente desempenhados por mulheres. Fazem valer a noção corrente de que há uma disposição inata e natural, um tipo de bênção, uma graça divina (VALLE, 2006). Para Rabelo e Martins (2006) a associação da atividade do magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina fundamenta-se no fato de a mulher poder gerar filhos. Então, o cuidar de crianças pode ser entendido como uma consequência da função materna, ou seja, uma habilidade natural da mulher. Esta função está relacionada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Nesse sentido, restaria à mulher o dever de seguir seu “dom” ou “vocação” para o magistério.

Outros motivos que orientaram a escolha pelo trabalho na Educação Infantil podem ser compreendidos como consequência das situações vivenciadas pelos participantes. Como os profissionais em início de carreira frequentemente não podem fazer opção pela série, o que geralmente resta é a vaga na Educação Infantil. Há participantes que tiveram, neste segmento, a primeira ou talvez a única oportunidade de emprego. Assim, pode-se evidenciar que fatores econômicos, sociais e culturais acabaram por determinar a escolha desses professores pela Educação Infantil.

O discurso sobre o exercício da profissão por amor é recorrente na fala dos participantes. Aqui, cabe questionar o motivo pelo qual esses docentes reiteradamente falam do amor que sentem pelo trabalho que desempenham. Seria isso por que eles tentam disfarçar a frustração que têm com a profissão? Ou por que não tiveram outras opções a seguir? Normalmente, advogados, engenheiros, médicos, arquitetos ou outros profissionais não vivem declarando amor por suas profissões. Moyles (2001) estabelece uma discussão sobre a motivação e o profissionalismo dos professores que trabalham com crianças pequenas. Segundo a autora, um dos paradoxos da área reside no fato de que parece impossível trabalhar, eficazmente, sem estar constantemente se declarando apaixonado pelas crianças e pelo trabalho realizado com elas. Esta paixão que eles dizem sentir é, na análise de Moyles, uma maneira de justificar suas escolhas e de promover suas crenças e ideologias. Igualmente, Rabelo (2007) enfatiza a importância de se refletir sobre a ligação habitual que se estabelece entre o magistério e o “amor”.

As histórias narradas neste estudo evidenciam que a “escolha” pela Educação Infantil, na maioria das vezes, não surgiu como uma ação individualizada, mas em consequência de uma rede de motivos interconectados que envolvem desde a história da família até as oportunidades que se colocaram em um dado momento da vida do professor entrevistado. Pode-se perceber no discurso dos participantes que a atividade desempenhada por eles mobiliza e desperta diferentes emoções. A habilidade para lidar com sentimentos também deve ser uma dimensão priorizada na formação de professores de Educação Infantil. Segundo Goleman (1996), é preciso não apenas reconhecer as competências emocionais como também saber associá-las a outras áreas de competência para que a produtividade possa ser maximizada.

O trabalho na Educação Infantil demanda uma formação específica (ROCHA, 1999). É imperativo que o professor domine a natureza epistemológica do que vai ensinar. É necessário, pois, uma formação que contemple a dimensão humana e social sem, no entanto, desconsiderar a competência teórica, política e técnica. Aspectos relacionados à profissão, carreira, identidade profissional, saberes docentes (TARDIF; LESSARD, 2008) também devem ser discutidos na formação destes profissionais. Novos tempos, novos conhecimentos e novas tecnologias exigem uma formação que considere a diversidade e a complexidade da educação desde a mais tenra idade.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E. Professoras de Educação Física: duas histórias, um só destino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 13-35, 2007.
- AMANDA. Entrevista. Escola Particular. Brasília, 28/08/2007.
- ANA. Entrevista. Escola Pública. Brasília, 02/09/2007.
- ARCE, A. Documentação oficial e o mito da educadora nata na Educação Infantil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 167-184, jul. 2001.
- BOCK, S. D. Concepções de indivíduo e sociedade e as teorias em Orientação Profissional. In: BOCK, A. M. B. (et al). **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BOHOSLAVSKY, R. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- CARLA. Entrevista. Escola Pública. Brasília, 24/09/2007.
- CAROLINA. Entrevista. Escola Particular. Brasília, 17/09/2007.
- CASTRO, F. C. G de. **Personalidade e escolha em administradores: do racional ao trágico**. Brasília, 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pro-

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

grama de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.

CERISARA, A. B. **A construção da identidade das profissionais de Educação Infantil**: entre o feminino e o profissional. São Paulo, 1996. 186p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 1996.

DAHLBERG, G.; MOSS, P. **Ethics and Politics in Early Childhood Education**. London: RoutledgeFalmer, 2005.

DORON, R.; PAROT, F. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Ática, 2001.

EDUARDO. Entrevista. Escola Particular. Brasília, 18/09/2007.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GALVÃO, A. A questão do talento: usos e abusos. In: VIRGOLIM, A. (Org.). **Talento criativo**: expressão em múltiplos contextos. Brasília: Editora UnB. p. 121-141, 2006.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOLEMAN, D. **Emotional intelligence**: why it can matter more than IQ. London: Bloomsbury, 1996.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora. p. 141-170, 2000.

HABERMAS, J. **Discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOWE, M.; DAVIDSON, J.; SLOBODA, J. Innate talents: Reality or myth? **Behavioral and Brain Sciences**, 21, p. 399-442, 1998.

JOSEPH, P. B.; GREEN, N. Perspectives on reasons for becoming teachers. **Journal of Teacher Education**, 37 6 (1986), p. 28-33, 1986.

LAURA. Entrevista. Escola Pública. Brasília, 03/09/2007.

LEVENFUS, R. S. O ato de escolher. In: LEVENFUS, R. S. (Col.). **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.183-187, 1997.

LÚCIA. Entrevista. Escola Pública. Brasília, 06/09/2007.

LUÍZA. Entrevista. Escola Particular. Brasília, 26/08/2007.

MONTENEGRO, T. Educação Infantil: a dimensão moral da função de cuidar. **Psicologia da Educação**, São Paulo, 20, p. 77-101, 2005.

MOSS, P. Structures, Understandings and Discourses: possibilities for re-envisioning the early childhood worker. **Contemporary Issues in Early Childhood**. Volume 7, Number 1, p. 30-41, 2006.

MOYLES, J. Passion, paradox and professionalism in early years education. **Early Years: Journal of International Research and Development**. 21 (2), p. 81-95, 2001.

NASCIMENTO, R. S. G. F. Sublimação, reparação e escolha profissional. In: BOCK, A. M. B. et al. **A escolha profissional em questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

RABELO, A. O.; MARTINS, A. M. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação. **Anais**., 2006. Uberlândia- Minas Gerais-Brasil. Disponível em: www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/programacaoindividuais8.htm. Acesso em: 21 abr. 2008.

RABELLO, A. O. O gênero e a profissão docente: impactos na memória das normalistas. **Revista Ártemis**, v. 6, p. 58-67, 2007.

REGINA. Entrevista. Escola Pública. Brasília, 04/09/2007.

ROCHA, E. A. C. **A pesquisa em educação infantil no Brasil**: Trajetória recente e perspectivas de consolidação de uma pedagogia da educação infantil. Campinas, 1999. 262p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, 1999.

ROSA. Entrevista. Escola Particular. Brasília, 10/09/2007.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

SANTOS, M. O. V. A identidade da profissional de Educação Infantil. In: GUIMARÃES, C. M. (Org.). **Perspectivas para a educação infantil**. São Paulo: Junqueira e Martin, p. 87-101, 2005.

SARANTAKOS, S. **Social Research**. New York: Macmillan. 2005.

SOARES, D. H. **O que é Escolha Profissional?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SOUZA NETO, S. et al. O magistério como escolha profissional: questões e reflexões. In: PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R.; (Org.). **Núcleos de Ensino**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 564-593, 2007.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O ofício de professor**: história, perspectivas e desafios internacionais. Tradução de Lucy Magalhães. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Escolha profissional na perspectiva de professores de Educação Infantil

THURLER, M. G.; PERRENOUD, P. Cooperação entre professores: a formação inicial deve preceder as práticas? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 128, p. 357-375, 2006.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, 2006.

VEIGA, I. P. A.; D'ÁVILA, C. M. (Orgs.). **Profissão docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas: Papyrus, 2008.

YONG, B. C. S. Teacher trainees motives for entering into a teaching career in Brunei Darussalam. **Teaching and Teacher Education**, 11, 3, p. 275-280, 1995.

Correspondência

Ive Carina R. Lima Brasil – Universidade Católica de Brasília – SGAN 916, Mod. B, Brasília – Distrito Federal. CEP 70790 160.

E-mail: ivecbrasil@hotmail.com – agalvao@pos.ucb.br

Recebido em 03 de fevereiro de 2011

Aprovado em 06 de março de 2012